



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

As sambistas de um samba que elas querem: as performances corporais de jovens musicistas cariocas

Autoria: Barbara Rodrigues Silva Grillo (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Entre os anos de 2017 e 2018, desenvolvi uma pesquisa de cunho etnográfico na cidade do Rio de Janeiro. Nela, estava preocupada em entender dinâmicas e relações travadas em rodas de samba inteiramente femininas surgidas em anos recentes. Nesse meio tempo, me dediquei principalmente a conhecer dois grupos, o Samba que Elas Querem e o Moça Prosa. Ambos os grupos eram formados por jovens mulheres cariocas com origens e motivações muitas vezes diferentes, cujos vínculos se construía por meio da vontade de realizar aquelas rodas de samba, de "tocarem juntas?". Além de compartilhar a peculiaridade de formarem esses grupos inteiramente femininos, essas mulheres também integravam um mesmo "circuito de jovens?" (Magnani 2005) que se conectava entre as zonas sul e central da cidade por um profundo interesse pela música. Dessa forma, embora o objetivo do work tenha sido compreender o acontecimento dessas rodas inteiramente femininas, também foi necessário entender e entrar em contato com esse circuito maior e diverso, onde os homens também figuravam como companhias musicais dessas mulheres. Isso porque eram os conflitos que essas mulheres vivenciavam quando na companhia desses homens que as motivaram a criar os grupos inteiramente femininos. Assim, permeadas por discursos contemporâneos politizados sobre as pautas de gênero e sexualidade, essas jovens sambistas entendiam a formação daqueles grupos como uma forma de "empoderamento feminino?". Como Berth (2018) demonstrou o empoderamento não é um movimento político que necessariamente se constitui por concepções econômicas, mas pode ser entendido também por meio de disposições estéticas e afetivas. Foi dessa maneira que nas relações com as interlocutoras busquei compreender as formas como ela se engajavam esteticamente e afetivamente ao samba. Essas formas se mostraram centrais para a maneira como figurariam aquilo que era o principal desejo das mulheres daqueles grupos: integrarem as rodas para além de cantoras ou "musas?", apresentando-se como cantoras, instrumentistas, arranjadoras e organizadoras daquelas rodas de samba. A fim de entender como, em meio a esse contexto, essas mulheres construía suas presenças nas rodas de samba em que



participavam, passei a frequentar as rodas entendendo-as como um ritual, tendo especial atenção às performances corporais daquelas sambistas. Assim, foram essas performances que deram tom à voz política e íntima ? aquela do desejo de fazer música ? de cada uma delas. Por conta disso, nessa apresentação, buscarei descrever a partir dos dados etnográficos, junto às entrevistas das interlocutoras, a significação dessas performances em relação aquilo que buscavam representar enquanto mulheres sambistas em uma roda de samba inteiramente feminina.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: